

## RESENHA

Marcos Antonio Farias de Azevedo  
ROBERTSON, O. Palmer - **O Cristo nos Pactos**. Campinas,  
Luz Para o Caminho, 1997. 275p.

A primeira proposta do autor é conceituar o termo aliança, do geral para o particular. O autor busca profundidade acadêmica e bíblica na definição do termo hebraico **ברית**. Busca também conceituar aliança numa perspectiva reformada, sobretudo, uma perspectiva do lugar de Deus na história. Na seqüência, o autor desenvolve a perspectiva da aliança em algumas narrativas bíblicas, especialmente em Adão Noé, desenvolvendo uma construção teológica interessante a medida em que faz conexões com outras narrativas bíblicas referentes a aliança adâmica e noética. O interessante é que o autor encontra apoio nas narrativas proféticas destes momentos da história bíblica. Portanto, o que podemos depreender é a forma clara, bíblica, exegética, teológica e reformada com que o autor busca compreender em textos buscados em Jeremias e em Oséias sua perspectiva de aliança. Todo esse material o autor utilizará no capítulo 8, quando tratar do termo **ברית**.

A partir de Noé, Abraão, Moisés, Davi e os profetas, o autor desenvolve o tema com maior largueza, evidenciando, sobretudo, a bênção do senso de pertença do povo de Israel a Deus. Posteriormente, o autor vai

pontuar alguns aspectos mais importantes. Já no capítulo quatro, verificamos uma visão bastante sucinta e superficial, embora correta ao nosso ver, sobre a visão de alguns teólogos acerca da aliança.

Há no capítulo cinco um amplo desenvolvimento sobre a “Aliança da Criação” ou “Pacto da Criação”. No entanto, o autor tem posição diferente do teólogo reformado Louis Berkoff, ou pelo menos, um estilo mais atualizado, destacando, sobretudo, com muita eficiência, diga-se de passagem, os elementos constitutivos da aliança e seus resultados. Destaco ainda neste capítulo, ainda que de forma rápida, mais também eficiente e moderna, a visão do autor sobre o casamento, propondo algo para além da união meramente carnal, chegando, inclusive, com louvor, a evidenciar uma proposta de igualdade.

O autor faz uma bela citação de Francis Schaeffer dentro da perspectiva da aliança da criação, evidenciando a clara responsabilidade do homem, dada por Deus, no trato e no cuidado com a natureza.

De forma brilhante, ao meu ver, o autor mostra a dimensão integral da aliança da criação, onde o homem é colocado por Deus, evidenciando toda a preocupação do Criador com a criação e delegando ao homem o que ele chama de “mandados”, em vários níveis.

Já caminhando para o final de sua obra, o autor, de fato, vai trabalhar a aliança da redenção, que é a sua grande proposta, fruto da queda do homem, com a quebra da aliança da criação. Fruto não porque Deus fora obrigado a providenciar um plano emergencial, mas como resultado do eterno decreto de Deus. No entanto, os mandados da aliança da criação estão em pleno vigor.

Na busca de construir significados teológicos acerca da aliança, o autor percorre novamente o caminho adâmico, caminhando pela narrativa de Gênesis três, citando alguns teólogos, para depois, construir sua própria posição. Logo a seguir ele trata das maldições e bênçãos nas palavras dirigidas ao homem e a mulher. Com respeito a mulher, ele afirma que a bênção é a concepção, e que esta terá papel singular no processo redentivo; e que a maldição, seria um forte desejo de dominar o marido, sendo por isso dominada por ele, abrindo em um momento até a interpretação para um domínio opressivo, no que discordamos do autor. Creio que as dores a que

o autor sacro refere-se estão ligadas ao ato da concepção. Na perspectiva do homem, o autor faz alusão a bênção do pão e da maldição, ou seja, a luta para obtê-lo. Fala também da maldição da morte, como consequência da desobediência.

Fica claro que, para o autor, a aliança de Deus com Noé, contém elementos presentes do desejo em preservar sua criação, mesmo estando ela depravada pelo pecado, tendo como destaque o homem e a preservação de sua raça. O autor deixa evidente que toda a aliança com Noé é fruto da graça absoluta de Deus, e não resultante de sua posição como homem justo e íntegro diante de Deus. O universalismo desta aliança é tratado numa perspectiva cósmica, que se consumará como na proposição expressa no cântico de Rm. 8 e nas palavras do Sl.19. Ainda neste ponto, o autor aprofunda a questão com uma excelente abordagem exegética de II Pe.3.3-10 feita na nota de pé de página. Por fim, é enfatizado o caráter gracioso da aliança, marcado ao final do dilúvio pelo Senhor no Arco Iris.

A partir do capítulo oito, percebemos que o autor começa a tratar da aliança que Deus fez com Abraão, que ele, o autor, chama Aliança da Promessa. Embora haja traços presentes desta aliança nos textos de Gn.12 e 17, será no capítulo 15 que ele encontrará o elemento central para o estabelecimento da mesma, e a partir deste referencial ele passará a tratar disto.

Em seguida o autor busca encontra nos textos de Mateus 26, Lucas 22 e Hebreus 9, a realização da libertação das maldições que foram estabelecidas na Aliança Abraâmica. Hebreus destaca que tal libertação está na morte de Jesus Cristo, como cordeiro pascal, que se oferece como libação do pecado. Ou seja, em Jesus Cristo todas as promessas da aliança de Deus feita com o homem são plenamente cumpridas, bem como todas as maldições são retiradas por meio de seu sacrifício.

Na seqüência, o autor propõe uma abordagem reformada do cerimonial da circuncisão, a partir a ligação neo-testamentária com o rito no Antigo Testamento, atrelando-o ao batismo e, também, à visão de Paulo, em algumas de suas cartas. O autor faz, também, uma abordagem exegético-teológica, incluindo as dimensões da inclusão à comunidade, purificação etc.

No capítulo dez, o autor traz-nos a imagem de Moisés, para falar da Aliança da Lei. O autor assinala as dificuldades ainda presentes no trato da aliança mosaica por parte dos estudiosos, especialmente os que não são afetos as Escrituras do Antigo Testamento. Robertson busca o espaço teológico da aliança, falando, então, acerca da história da redenção no período patriarcal, anterior a Moisés, detendo-se, no entanto, no período posterior a Moisés.

Na seqüência, o autor propõe uma espécie de leitura das Escrituras a partir da perspectiva da aliança, rejeitando assim, a teoria da leitura dispensacionalista, o que acho excelente proposta, diga-se de passagem. Caminha na direção da aliança do Reino, que a partir de Davi, tem todo um desenrolar histórico e teológico, com as implicações da figura do rei na aliança.

Concluindo sua obra, o autor trata da aliança final ou da consumação, ou das últimas coisas, concretizada em Cristo Jesus, retornando, sempre, as alianças anteriores, buscando, então, uma clara ligação entre as mesmas, que alcançaram o seu ápice no dia final. Utilizando-se do profeta Jeremias, o autor busca evidenciar a ação restauradora de Deus, através do Espírito Santo, que conduzirá o povo à uma vida plena e feliz, reafirmando com as palavras do profeta Ezequiel. Na verdade, o que o autor evidencia é o cumprimento final das alianças feitas nas Escrituras Sagradas. Ressalta o autor a dimensão da perenidade das antigas alianças, uma vez que se concretizam na nova aliança.

Não podemos deixar de ressaltar o valor desta obra, pois sua contribuição para a compreensão da teologia do pacto é expressiva e contundente. Sua abordagem é bíblica e sua teologia é reformada. Certamente que ampliou minha cosmovisão acerca da integração entre AT e NT, numa perspectiva cristológica.